

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



**"Pobre México,
tão longe de Deus
e tão perto dos
Estados Unidos"**

(Lázaro Cárdenas,
ex-presidente mexicano
(1934-1940), se revira
na tumba e repete
o desabafo na era Trump)

Os mortos e o demagogo

► **As fúnebres tentativas
do presidente Temer de buscar
a legitimidade que lhe falta**

É fácil identificar Michel Temer no velório do ministro Teori Zavaski. É aquele que projeta a mão sobre o caixão e capricha na expressão de tristeza. Exemplo semelhante ao que ocorreu quando, protegido por grande aparato de segurança, compareceu à cerimônia fúnebre dos jogadores da Chapecoense, mortos também em acidente de avião.

Por descuido dos assessores, manifestou-se, com atraso de quatro dias, a respeito da violência do massacre no presídio de Manaus.

Influenciado talvez pelos acontecimentos anteriores que o haviam conduzido até cerimônias fúnebres, ele classificou a matança como "acidente".

São três episódios funestos em pequeno espaço de tempo. Eles revelam, no entanto, o objetivo político de Temer. Ou, vá lá, eleitoral, se o eleitor for bobo.

Acuado no Palácio da Alvorada, onde fica com a família, e no Palácio do Planalto, onde despacha, valeu-se da tragédia para mostrar a cara aos brasileiros e, com isso, tentar alavancar a baixíssima popularidade. Ele tenta encontrar, e

continuará tentando, algo similar com a legitimidade que não possui: o voto.

Esse sonho impossível levou Temer ao velório do ministro Teori, que, após a morte, tornou-se herói brasileiro. Pelo menos na imaginação do juiz Sergio Moro ao discursar no velório.

Implicado na Operação Lava Jato por suspeita de receber propinas, Temer era um provável réu de Teori, o juiz no qual muitos confiavam e outros nem tanto.

Em torno do falecido foram fotografados oportunistas sem toga. A maioria deles temente aos togados por estarem incluídos na Lava Jato. É o caso dos ministros Eliseu Padilha, o "Primo", e José Serra, o "Careca". Apareceram por lá também Geraldo Alckmin, o "Santo", e Rodrigo Maia, o "Botafogo".

Não é incomum a solidariedade fingida. É raro, no entanto, um grupo de políticos notórios velarem um morto que em vida não apreciavam. Inegável demagogia. Exigem-se para tanto frieza e arte.

Temer tentou pegar carona no assustador combate travado entre detentos no presídio de Manaus, chamado por ele de "acidente pavoroso". Despertou tarde demais.

Para salvar a pele e as aparências, valeu-se da convocação das Forças Armadas. Uma decisão tomada por sugestão atribuída a Ayres Britto, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, ou, talvez, movido pela estultice do ministro da Defesa, Raul Jungmann.

Apesar de 21 anos de ditadura, o Exército é hoje uma das instituições de maior credibilidade dos brasileiros. Por isso, recusa uma atividade não prevista na Constituição.

Em certos momentos, a criminalidade pode causar comoção social. Não é o caso de agora. A situação, neste momento, está circunscrita à esfera policial. É tarefa da PM e não do Exército.



Ele ficou
na ideia do
"acidente"





Apenas um retrato na parede

Oficial, enfim

Michel Temer, oito meses depois de alcançar o poder montado em um golpe, fez a foto oficial de presidente com fundo falso.

Haverá quem diga poeticamente: deixa pra lá, é apenas um retrato na parede.

Campos e Temer

Sempre que é acossado, Temer busca uma saída confiante. Perguntado, por exemplo, se poderia renunciar, respondeu: “Honestamente, não tenho pensado nisso”. Em outra oportunidade, provocado a falar sobre o baixo índice de aprovação, afirmou: “Lá na frente haverá reconhecimento”. Essa indiferença é falsa. Eis um exemplo.

Talvez na última conversa com um jornalista,

durante almoço em Ipanema, o renomado economista Roberto Campos (1917-2001), já bem alquebrado, manteve o seguinte diálogo com este repórter:

- Por que o senhor nunca se incomodou com as críticas pesadas e nem mesmo com as vaias que levou ao longo da vida?

- Engano seu. Eu sentia muito. Ninguém vem ao mundo para ser vaiado.

Dispersão petista

O grande desastre eleitoral do PT resultou de rejeição da sigla por parte de candidatos e não por repulsa dos eleitores. É o que mostra a pesquisa, em finalização, feita pelo professor Wanderley Guilherme dos Santos, em que com-para resultados para três

grandes legendas, em 2016, tendo por padrão o desempenho em 2012.

Ele encontrou a seguinte diferença percentual entre números de candidatos apresentados em 2016 e 2012: PMDB (-4,4%); PSDB (-1,1%); PT (-45%). A repercussão na diferença entre os eleitos, nas duas eleições, é óbvia: PMDB (-5,3%); PSDB (1,7%); PT (-46%).

O mesmo ocorreu nas eleições para prefeituras.

Pauta espinhosa

O substituto de Teori Zavaski no STF vai herdar um processo polêmico: se é constitucional criminalizar o porte de drogas para consumo próprio. Já votaram a favor os ministros Gilmar Mendes, Luís Roberto Barroso e Edson Fachin. Teori pediu vista no segundo semestre do ano passado.

Cuidado, Maia

Candidato à reeleição, Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados até o dia 2 de fevereiro, é mais um a desafiar o Supremo Tribunal Federal ou, pelo menos, um dos ministros.

No dia 5 de abril de 2016, Marco Aurélio Mello determinou ao ex-presidente da Casa Eduardo Cunha, hoje preso em Curitiba, a instalação do *impeachment* de Michel Temer.

Eduardo Cunha se fez de morto. Acabou em cana.

Maia está sentado sobre o pedido reiterado por Marco Aurélio.

A vida no presídio

Ao apostar nos argumentos de segurança, e não da segurança física dos presos sob tutela do Estado, o governo aposta em mais restrições e mais vigilância do que nos direitos dos presos. Há quem se compraza com a degola dos encarcerados.

mauriciodias@cartacapital.com.br